



FICHA TÉCNICA

Titulo

Hortas Tradicionais do Sul de Portugal - Uma perspetiva histórica

Edição

Campo Arqueológico de Mértola

Direção Técnica

**Jorge Revez
Paulo Silva
Ana Sanches**

Conceção gráfica e edição

Artinvento - Estudos e Projetos, Lda

Conteúdos

**ADPM
Cláudio Torres
Desidério Batista
Miguel Reimão Costa
Susana Gómez Martínez**

Tiragem

500 exemplares

2013



Programa de Desenvolvimento Rural



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural

A Europa investe nas zonas rurais

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	5
2. MEMÓRIA DAS HORTAS E SABORES	6
3. HORTAS MEDIEVAIS EM MÉRTOLA	11
Algumas generalidades sobre a agricultura no al-Ándalus	12
Pequenas hortas na Mértola medieval	23
4. O LUGAR E A HORTA NA MONTANHA: O CASO DE FORTES NA SERRA DO ALGARVE	28
A horta na montanha no contexto do Mediterrâneo Ocidental	29
A paisagem e a horta na serra do Algarve	31
O monte de Fortes na serra de Castro Marim	36
5. AS HORTAS TRADICIONAIS DE BEJA E MÉRTOLA	46
6. CONCLUSÃO	57
7. BIBLIOGRAFIA	58

4. O LUGAR E A HORTA NA MONTANHA: O CASO DE FORTES NA SERRA DO ALGARVE

Miguel Reimão Costa e Desidério Batista

As culturas regadas compreendem ao longo da história uma importância decisiva nas áreas de montanha do Mediterrâneo Ocidental. Frequentemente confinadas a parcelas bem delimitadas no flanco dos cursos de água ou associadas a uma dimensão sazonal ajustada aos regimes torrenciais, as hortas inscrevem-se aqui, tradicionalmente, numa economia de subsistência assente na variedade de recursos e num calendário complexo de trabalhos na terra. Apesar dos traços distintivos que marcam cada uma das áreas de montanha nesta região, surpreendem, por vezes, as semelhanças que poderemos encontrar a norte e a sul do Mediterrâneo, em expressões tão diversas como a posição do assentamento humano na paisagem, a disposição irregular das árvores do pomar de sequeiro nas encostas, o contraste entre as culturas regadas e as vertentes agrestes, a debulha dos cereais nas eiras circulares, a secagem dos frutos nas esteiras ou a morfologia de determinadas construções elementares.

A presente investigação parte da contextualização da horta no território montanhoso para o estudo da sua caracterização na serra algarvia considerando os distintos temas que interrelacionam o povoamento, a utilização da terra e a importância e o papel dos recursos hídricos no desenvolvimento de uma atividade agrícola enquanto base de uma economia de subsistência. Esta contribui, no entanto, para a construção de uma expressiva paisagem multifuncional e de um singular e frágil património rural que, entre a permanência e a mudança, testemunha quer o processo histórico de adaptação do homem às circunstâncias do meio, quer o processo de abandono a que recentemente está sujeito. Estes factos justificam a investigação com vista à identificação



e caracterização da paisagem e do património da horta que no contexto desfavorável da Serra ganha uma importância redobrada enquanto estrutura que poderá contribuir para o desenvolvimento a longo prazo tanto da natureza, como da sociedade.

Deste modo, o propósito do presente artigo é caracterizar a horta no contexto da serra do Algarve, considerando a sua importância na economia tradicional, na organização dos diferentes usos do solo e da paisagem, e os temas que marcam a sua transformação no contexto dos complexos processos de desruralização e recessão demográfica que têm caracterizado as regiões do interior do país e, em especial, as áreas de montanha, no último meio século. Para tal, será considerado o caso particular do monte de Fortes, implantado na margem direita da ribeira de Odeleite no concelho de Castro Marim, que constitui um interessante exemplo de validação de um modelo de ocupação e organização da paisagem serrana, comum à bacia mediterrânica, que traduz a adaptação da sua cultura a um conjunto de circunstâncias particulares marcadas pela dimensão física do território.

A horta na montanha no contexto do Mediterrâneo Ocidental

Na bacia do Mediterrâneo, a paisagem é dominada espacial e visualmente pela montanha. Berço da cultura mediterrânea, a montanha terá oferecido ao Homem um diversificado conjunto de recursos que lhe possibilitou empreender, de modo gradual e continuado, a conquista da terra e a utilização da Natureza em busca da subsistência. Tudo indica que o processo de humanização do território terá tido início exatamente nas áreas de montanha, desde muito cedo intervencionadas pelo homem, que através de queimadas desbravaria terras nomeadamente para a agricultura (Braudel, 1983: 62).

A construção da paisagem mediterrânea, enquanto resultado da interação entre fatores naturais e culturais, tem origem nas zonas



de maior altitude, mediante a substituição da mata por campos de cultura, através da abertura de clareiras pela ação do fogo (Telles, 1975: 69). No processo histórico de construção e transformação desta paisagem iniciado nas montanhas e continuado em direção às planícies, a par da utilização do fogo ganha relevância a gestão da água, pondo em evidência as relações profundamente intrincadas entre ambas. Se as áreas de montanha correspondem a zonas de escoamento, as planícies e os vales associam-se a zonas de acumulação onde, com frequência, se verificam inundações. Constatação que levou Braudel (1983: 74)], considerando o regime torrencial que caracteriza a região mediterrânea, a pronunciar: “Acqua, ora vita, ora morte”. Esta expressão, inicialmente associada às doenças derivadas da estagnação das águas nas planícies e nos vales como a malária e as febres palúdicas, por um lado, e, por outro, aos problemas que o progressivo desflorestamento da montanha acarreta aumentado a possibilidade de cheias e inundações, põe em causa a sobrevivência de pessoas e a segurança de bens.

A água assumirá ao longo da história da (trans)formação da paisagem mediterrânea, um papel fundamental enquanto elemento estruturador e vertebrador na relação de dependência que, desde o início, se estabelece entre a colonização e o povoamento do território e os seus recursos. Este processo integrou, desde sempre, um conjunto de estratégias de sobrevivência que se apoia na proximidade dos assentamentos humanos à fertilidade das terras e à disponibilidade de água quer para consumo, quer para a agricultura. O modelo de ocupação e organização territorial, comum aos países da Europa do Sul e aos países do Magreb, desenha uma paisagem cujo caráter tem estreita relação com o povoamento e com padrões de uso que em determinados contextos são considerados, ainda, sustentáveis.

Se é verdade que o Mediterrâneo criou uma civilização que foi capaz de lutar contra o relevo e a água, e baseou a sua economia rural na trilogia agrária: pão, azeite e vinho (Ribeiro, 2011:



56], também é verdade que a vida rural, nesta região, é marcada não apenas pelas culturas e práticas de sequeiro mas, igualmente, pelas culturas regadas que têm a sua máxima expressão na horta. A horta e o regadio, associados a uma diversidade de estruturas e elementos hidráulicos, completam a face da civilização agrária mediterrânea, pondo em evidência a construção de uma expressiva paisagem multifuncional e de um singular património rural. Esta paisagem e este património adquirem uma relevância transcendente no contexto de montanha, quer enquanto legado histórico, quer como estratégia de sobrevivência humana num progressivo contexto de escassez de recursos naturais, nomeadamente de solo fértil e água, mas também de recursos humanos. A paisagem de montanha no território meridional português reflete este processo de ocupação e organização espacial em que o Homem e a Natureza estabeleceram, desde cedo, laços e relações profundamente intrincadas que encontram nas hortas um significativo exemplo de perpetuação de uma paisagem viva e útil.

A paisagem e a horta na serra do Algarve

Vários autores têm descrito, entre meados do século XIX e a atualidade, a região do Algarve baseando-se na sua divisão em três faixas paralelas ao mar: o Litoral, o Barrocal e a Serra, considerando a sua geologia, mas, também, outros fatores naturais na sua relação com os fatores culturais (Silva Lopes, 1841; Medeiros Gouvêa, 1938; Ribeiro, 1991; Cavaco, 1976; Mabberley & Placito, 1993; Cancela d'Abreu, 2004). A Serra do Algarve corresponde privilegiadamente a terras montanhosas de xisto, com posição mediterrânea, relevo movimentado e altitude modesta (que, à parte Monchique, raramente ultrapassa os 500 m.), intercetadas por uma rede hidrográfica ramificada e meandrizada onde os parques, mas preciosos, depósitos aluvionares justificam a presença de hortas e pomares que anunciam um povoamento ralo. Daqui resultou um padrão paisagístico e um mosaico agrícola relativamente homogêneo que reflete, historicamente, quer a



pobreza dos solos e a escassez de recursos hídricos, quer a condição rarefeita do povoamento conformado pela disseminação dos montes.

Se nas serras a ocidente, marcadas pelo afloramento sienítico de Monchique, os montes constituem edificações dispersas na paisagem, na serra do Caldeirão correspondem a pequenos aglomerados onde, como é comum em muitas das áreas de montanha do Mediterrâneo Ocidental, as comunidades juntavam-se para fazer face às condições agrestes do território. O povoamento aparecerá associado, na maior parte dos casos, à pequena propriedade onde, a nível da economia tradicional, se procurava combinar frequentemente os rendimentos das culturas arvenses, dos carvalhos de folha perene e do pomar de sequeiro, com os rebanhos de gado miúdo e as culturas regadas. A organização da paisagem resultava, assim, em grande medida, de uma estrutura significativamente parcelada, em que cada agregado familiar procurava garantir os diversos recursos fundamentais à economia tradicional de subsistência que caracterizava este território. De qualquer modo, em grande parte das subunidades serranas, os padrões característicos da pequena propriedade alternavam com a presença do monte de lavrador, registando a expressiva importância das herdades onde muitos serranos arrendavam terras à razão para complementar os poucos rendimentos das suas explorações.

É nas zonas mais acidentadas da serra do Caldeirão que a estratégia de implantação do monte se torna mais evidente, pela proximidade a um círculo de terras aplanadas e de maior vocação agrícola, correspondendo ao lugar fundamental a partir do qual se organizava a economia rural serrana (fig. 6).





Figura 6 - A implantação do monte na proximidade de terras férteis e da água

Para além das hortas, a cota mais baixa, comportavam as culturas regulares de cereais em rotação de quatro ou cinco folhas (por exemplo alqueive, trigo, aveia, tremço e pousio designado aqui de relvão), intercalando por vezes o pomar de sequeiro em diferentes padrões. Constituem as cercas que contrastavam com as vertentes dos serros em seu redor, onde, até ao início do século passado, tinham lugar as culturas itinerantes das roças (quando se queimava o mato e se semeava sobre as cinzas, para abandonar depois de novo as terras, por largos anos, à pastagem e à charneca).

Confinadas às margens das ribeiras e apertadas muitas vezes nos corgos, as hortas tenderão, no entanto, a estender-se das áreas próximas do monte a distâncias significativas, por vezes, a mais de meia hora de caminho, num trajeto que, de Verão, se chegava a percorrer duas vezes ao dia. A construção da horta comportava frequentemente a execução cuidada de um muro de suporte de

alvenaria de pedra seca que, retomando os nateiros depositados nas margens e aproveitando as concavidades nas ladeiras adjacentes, restringia o curso da ribeira e subia a cota de nível das terras para as culturas (fig. 7).



Figura 7 - A construção da horta na zona adjacente à linha de água

A rega, balde a balde, aproveitava a proximidade da ribeira ou a presença frequente de um poço de gargalo (com ou sem cegonha) ou de um poço com escada. Muito mais raramente, as terras da Serra poderiam ser irrigadas a partir de uma nora ou de uma mina (designada aqui por canha) que correspondem aqui a uma presença episódica, associada especialmente a algumas hortas maiores dos montes de lavrador.

Assim, ao contrário do que é comum nas montanhas do norte do país, onde o sistema de presas e regos permitia irrigar as leiras construídas em socalco nas encostas, nas serras do Algarve, as culturas regadas tenderão a restringir-se às terras adjacentes aos

cursos de água. Monchique constitui, neste quadro genérico, uma interessante exceção conformada pelo característico sistema de canteiros e valados, onde as culturas regadas das hortas e dos pomares se estendem, em terraço, dos vales mais ricos às zonas de vertente. Constitui uma solução mais frequente nas linhas de talvegue das encostas do maciço sienítico, caracterizadas por uma maior abundância de água. Com alguma frequência, a construção do valado dos terraços registava aqui a importância da água, pela presença da boca da mina com arco em mitra ou o roço na alvenaria de pedra através do qual se encaminhava, por gravidade, a água para as culturas do terraço a cota inferior.

Se, como vimos, o parcelamento sucessivo da propriedade constitui uma das condições fundamentais da paisagem da Serra, será nas terras baixas das hortas que este processo se tornará mais expressivo. Nalguns casos, o fracionamento das terras de regadio afetava, em idêntica proporção, o acesso à água, resultando em sistemas complexos de partilha, como ocorre, por exemplo, com as águas das minas nos canteiros de Monchique ou, mais raramente, com as águas de algumas noras localizadas nas zonas de vale da Beira Serra. Em qualquer caso, o acesso à água condicionará de forma muito significativa, a própria geometria de parcelamento, como é aqui especialmente evidente na estrutura cadastral das zonas de aluvião mais largas ao longo das ribeiras e dos rios. Nestes lugares, as parcelas resultarão muito frequentemente em estreitas faixas dispostas transversalmente ao curso de água (podendo adquirir, por exemplo, setenta metros de comprimento por oito metros de lado), como ocorre de forma particularmente expressiva nas margens do Guadiana.

A horta é responsável pela introdução de elementos de diversidade ecológica, sociocultural e estética, o que associado à sua presença pontual e dispersa no território lhe confere a dimensão de autêntico oásis na vastidão de xisto de solos esqueléticos e estevais a que está associado o atual estado de degradação paisagística. O caráter delimitado da horta na imensidão da Serra e os



seus atributos nas dimensões socioeconómica, ecológica e sensorial, conferem-lhe uma importância e um papel fundamental na perpetuação da vida (biológica e humana) e na sua consagração como potenciais estruturas de sustentabilidade num contexto de crescente desertificação social e biofísica.

O monte de Fortes na serra de Castro Marim

O monte é considerado no contexto da Serra do Algarve Oriental enquanto produto da evolução de um tipo de povoamento que não sendo exclusivo das áreas de montanha reflete, no entanto, a conjugação de uma grande diversidade de parâmetros que caracterizam estas áreas (geomorfologia, clima, ecologia, materiais e técnicas de construção, atividades agro-silvo-pastoris, etc.), e que se materializam em lugares plurifamiliares que traduzem a sua multifuncionalidade enquanto espaços do habitar, do trabalhar a terra, da pastorícia, entre outras funções. No contexto serrano de escassez de gentes, terras férteis e água, as hortas surgem como estruturas de sustentabilidade que ligam a população à terra, materializando uma estratégia de subsistência que se traduz, historicamente, numa agricultura mista – arvense, arbustiva e arbórea – de sequeiro e regadio que inclui, geralmente, terras de semear, pomares de espinho, fruteiras e vinha (Cavaco, 1976: 75).

O monte de Fortes, localizado na freguesia de Odeleite no concelho de Castro Marim, constitui um interessante exemplo para a caracterização destes sistemas, considerando a situação do assentamento, a relação com as diversas terras de cultura ou o contraste que a nível da estrutura predial resulta da proximidade duma das maiores herdades da Serra, onde os habitantes de Fortes arrendavam terras à ração (Costa, 2009). A paisagem deste monte é marcada pelo curso da ribeira de Odeleite, num lugar já próximo de onde o regolfo da barragem submergiu as hortas do troço que se estendia a jusante até à aldeia de Odeleite. O monte implanta-se sobre uma pequena elevação sobranceira a uma ferradura de terras baixas e aplanadas que se distingue da sucessão de serros



característica da paisagem serrana que se estende em seu redor (fig. 6).

Uma alteração no curso da ribeira de Odeleite libertou aqui um antigo meandro onde a lenta e continuada deposição de sedimentos aluvionares deu origem a uma várzea que a população de Fortes terá agricultado desde sempre, construindo uma íntima e forte relação entre o povoado, as terras férteis e a água cuja gestão exige cuidados redobrados, considerando-se quer a sua drenagem, quer a sua captação e distribuição na rega das culturas agrícolas. As alterações geomorfológicas criaram um novo espaço para a produção baseada na fertilidade do solo e na presença de água, determinando uma nova espacialidade que se desenha a partir do monte. Enquanto centro do círculo de boas terras que domina espacial e visualmente, é a partir dele que se ocupa a várzea através de uma estrutura fundiária radial e alongada cuja morfologia permitirá ao homem aceder, a partir da casa, à terra e à água. Será mediante esta intrincada inter-relação estabelecida entre a habitação e o trabalho da terra, após o seu enxugo mediante a drenagem das águas pluviais por meio da construção de uma sanja e a abertura de poços para o regadio, que se cria uma nova paisagem: a paisagem das hortas de Fortes.

A organização espacial da horta revela a singularidade das circunstâncias que estão na sua origem: a transformação de um meandro em várzea e a apropriação que o homem faz de um novo território a partir da possibilidade da maioria das famílias do monte poder garantir a sua própria subsistência através da produção de alimento, fundamentalmente produtos hortícolas, azeite e vinho mas, também, pão. Nas estreitas faixas de terra de que dispõem, as famílias cultivam milho, batata, batata-doce, tomate, pimento, feijão-verde, favas e couves nas folhas de cultura, onde a inexistência de árvores e a profusão de poços criam condições para o cultivo de primores hortícolas, intercalados por vinha com presença bastante significativa. As extremidades da várzea, nos pontos em que esta toca a ribeira, era ainda marcada pela presença dos



pomares de oliveira (fig. 8), por vezes com cereal no sob-coberto.



Figura 8 - A policultura mediterrânea: culturas de sequeiro e de regadio

A alternância e diversidade de culturas nesta área do monte se, por um lado, certifica a trilogia agrária mediterrânea - pão, vinho e azeite - complementando-a com legumes e leguminosas, por outro lado manifesta uma especificidade na promiscuidade de culturas da horta, onde a vinha ganha expressão justificada pela sua adaptação e resistência ao encharcamento temporário das terras, segundo informação das comunidades locais, o que parece contrariar as exigências edafo-climáticas desta cultura.

A organização das culturas em redor do monte reflete, deste modo, as condições oro-hidrográficas características do lugar, que compreende tradicionalmente, para além das culturas regadas e do olival na várzea: os cereais em esquema rotativo de dois anos (trigo e favas ou aveia no primeiro ano, pousio e alqueive no segundo) nas terras aplanadas da margem direita da ribeira

de Odeleite, a poente do monte, associada à presença pontual de algumas hortas regadas diretamente a partir da ribeira; o pomar de sequeiro e os carvalhos de folha perene nas vertentes de declive mais pronunciado que enquadram a várzea a nascente; e a preponderância dos sistemas de afolhamento de cereais, leguminosas e pousios mais ou menos longos, característicos das vertentes serranas que se estendem em seu redor. A divisão da propriedade registada, também aqui, as dissemelhanças de importância e rendimento destas diferentes parcelas, distinguindo especialmente as vertentes dos serros, caracterizadas por uma estrutura parcelar irregular, e a cintura de culturas regulares que envolve o monte, de parcelas de superfície bem mais reduzida que, como vimos, se dispunham radialmente em estreitas faixas transversais à ribeira.

A gestão da água assume no caso de Fortes uma particularidade que se relaciona quer com a sua abundância quando, na estação fria, o escoamento da água das chuvas pelas linhas de drenagem que sulcam as vertentes dos serros faz com que se acumule nas cotas baixas da várzea, quer com a sua carência, na estação quente, o que exige a sua captação para a irrigação.





Figura 9 - A sanja: estrutura de drenagem construída por um muro de pedra e solta e um valado

O primeiro caso determinou a construção de um limite na linha curva próxima ao antigo meandro correspondente a uma vala de drenagem, estrutura designada no monte, justamente, por sanja, com o objectivo de evitar a inundação das culturas agrícolas (Fig. 9) e que é acompanhada, quase sempre, com uma sebe de marmeleiros e romãzeiras. O segundo caso determinou a abertura de poços, alimentados por nascedio ou por águas soltas (fig. 10), para a obtenção e distribuição da água na rega por carência, tipo de rega que caracteriza todo o regadio mediterrâneo a que está associado uma outra paisagem e um outro modo de vida (Ribeiro, 2011: 75).



Figura I0 - A cultura da vinha e a presença de poços para rega por carência

Esta outra paisagem, a paisagem da horta é, no caso do monte serrano algarvio de Fortes, organizada pela geometria rectilínea da estrutura cadastral num leque de tiras de terra ou estreitas folhas, sem separação entre elas para além da linha imaginária que une os marcos nas extremas de cada uma, de modo a obter-se o máximo aproveitamento da riqueza das escassas terras da várzea, geometria que é vincada pelo próprio desenho das culturas tanto arbóreas, principalmente oliveiras num compasso de plantação mais ou menos regular, como arbustivas, predominantemente vinha, em linhas paralelas à estrutura do minifúndio (fig. I0). A racionalidade subjacente ao padrão fundiário e à matriz agrícola ganha expressão no confronto com a geometria orgânica que a curva do antigo meandro desenha no sopé xistoso da coroa de cerros que num semicírculo perfeito fecham a várzea, e que a curva da estrada de acesso à povoação delimita sublinhando a morfologia quer do monte, quer da baixa aluvionar.



Fig. II – A ribeira, o monte e a várzea (a partir de base do Google Earth)
 a – ribeira de Odeleite / moinho e casa do moleiro. b – monte de Fortes.
 c – núcleo poente. d – herdade da Malhada. A – Várzea com hortas. B –
 Pomar de oliveiras. C – Campos de cereais e hortas regadas da ribeira. D –
 Encosta com pomar de sequeiro, sobreiros e azinheiras. E – Campos de
 cereais. [Ponto azul] – poço. [Círculo] – eira. [Linha azul] – sanja.

Nesta, a horta vincula o homem à terra na sua conciliação com a Natureza e na sua luta pela subsistência, construindo uma paisagem socialmente útil e um património vivo e evolutivo que no contexto de carências e escassez das montanhas do Sul, ganha um significado maior enquanto estrutura de sustentabilidade social e ambiental.

A organização dos usos do solo na serra do Algarve está associada, ao longo do tempo, a uma débil economia agrária baseada em diversos ciclos responsáveis pela atual condição paisagística, em que predominaram sucessivamente: os carvalhos de folha perene (sobreiro e azinheira), os cereais (primeiro bem delimitados entre

extensas manchas de mato e depois estendendo-se à generalidade das vertentes serranas) e, mais recentemente, o reaparecimento dos estevais, entre povoamentos de pinheiro manso e eucalipto, com um denominador comum a todos eles e que corresponde à permanência, no espaço e no tempo, de hortas nas várzeas e nos corgos. A partir do monte implantado sobre o xisto, libertando os aluviões para a necessária produção de alimento, o homem constrói, através de um entendimento específico da paisagem, uma relação biunívoca, entre o habitar e o produzir, perfeitamente adaptada às difíceis circunstâncias do meio. O monte e a horta constituem, por estas razões, uma unidade espacial a partir da qual se organiza, paulatina e progressivamente, a vida e a paisagem numa correlação com o território, da mata e do pomar de sequeiro, do pão e do pastoreio.

A exploração destes recursos associada, como vimos, a processos diferenciados ao longo da história, resultará, no último meio século, num novo ciclo da paisagem serrana que comportará o quase desaparecimento das culturas cerealíferas, a conservação da importância da extração de cortiça, a presença mais ou menos débil de atividades como a pastorícia, a apicultura e a produção de aguardente de medronho, bem como, a progressiva preponderância de estevais e do alargamento das áreas florestadas a pinheiro manso (a oriente) e eucalipto (a ocidente). As culturas regadas e o pomar de sequeiro distinguem-se, entre a generalidade dos sistemas agrícolas de produção tradicional, por continuarem, ainda hoje, a marcar a paisagem serrana, ajustando-se às profundas transformações a que estes territórios foram sujeitos a partir da década de sessenta do século passado. Estas atividades conservam a sua dimensão fundamental, e ainda de subsistência, como complemento dos rendimentos, primeiro, das populações cada vez mais envelhecidas que nunca deixaram a Serra e, depois, dos novos residentes que têm regressado ao monte com o início do período de reforma ou em resultado da crise recente e da degradação subjacente do mercado de trabalho.





Figura I2 - As novas hortas em cotas de maior altitude junto ao monte

Em qualquer caso, como ocorre com o monte de Fortes, muitas das hortas tradicionais acabarão devolutas, em parte substituídas por novas parcelas de regadio em áreas mais próximas do monte que a abertura de furos artesianos tem viabilizado (fig. I2). Pese embora a sua importância decrescente, as hortas de Fortes constituem, ainda, o exemplo vivo do estado evolutivo de uma tipologia de espaço agrícola considerada essencial para a sobrevivência do assentamento humano do qual é parte indissociável. A sua imagem, organização e usos refletem um modelo que, no âmbito mais alargado da bacia do Mediterrâneo, traduz a especificidade das condicionantes biofísicas (solos, água, clima) e culturais (técnicas agrícolas, tipo de regadio, etc.) das áreas de montanha, onde o relevo e o clima, a irregularidade da pluviosidade e o regime torrencial, os hábitos alimentares e as tradições socioculturais determinam singularidades na espacialidade, na ambiência e nos usos da horta. Esta reflete a interdependência entre a casa,

a terra fértil e a água, marcando o ritmo da vida quotidiana e a espacialidade da paisagem do monte e, num contexto mais alargado, da própria Serra.



7. BIBLIOGRAFIA

ABREU, A. C. [et al.] 2004. Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. Volume 5. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

BARCELÓ ET ALII (1986) - *Les aigües cercades*. Palma de Mallorca.

BARROS, Fátima; BOIÇA, Joaquim; GABRIEL, Celeste (1996) – *As Comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As visitasões e os Tombos da Ordem de Santiago*. Colecção Estudos e fontes para a História Local, nº 2. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

BRAUDEL, F. 1983. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II [1947]. volume I. Lisboa: Publicações D. Quixote,.

CAVACO, C. 1976. O Algarve Oriental. As Vilas, o Campo e o Mar. Volume I. Faro: Gabinete do Planeamento da Região do Algarve.

COSTA, M.R. 2009. Casas e montes da serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve. Dissertação de Doutoramento em Arquitetura. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

CRESSIER, Patrice (1989) – *El Agua en zonas áridas. I Coloquio de Historia y Medio Físico*. ISBN 8486862221.

GLICK, Thomas (1988) – *Irrigación y sociedad en la Valencia Medieval*. Valencia, 1988.

GOUVÊA, M. 1938. Algarve: Aspectos Fisiográficos. Dissertação para obtenção do grau de Doutor. Coimbra:



Universidade de Coimbra.

IBN ABDUN (1981) – *Sevilla a comienzos del siglo XII. El tratado de Ibn Abdūn* (Traducción de Emilio García Gómez y E. Lévi-Provençal). Sevilla: Servicio Municipal de Publicaciones. 1981.

LÉVI-PROVENÇAL, E. (1996) – España Musulmana hasta la caída del Califato de Córdoba (711-1031 de J. C.) Instituciones, vida Social e intelectual, in *Historia de España Menéndez Pidal*, Tomo V, Ed. Espasa-Calpe, S.A., Madrid.

LOPES, J. B. S. 1841. *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.

MABBERLEY, D.J., PLACITO, P.J. 1993. *Algarve Plants and Landscape. Passing Tradition and Ecological Change*. Oxford: Oxford University Press.

NAVARRO, Carmen (1994) – Los espacios irrigados rurales y el tamaño de sus poblaciones constructoras en al-Andalus. Lictor, un ejemplo. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. ISSN 0872-2250. N.º 3 (1994) pp. 171-186.

RIBEIRO, O. 1991. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico [1945]*. Lisboa: Sá da Costa.

RIBEIRO, O. 2011. *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição [1968]*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TELLES, G. R. 1975. “Da Formação do Solo à Socialização da Paisagem”. In *Uns Comem os Figos...* Lisboa: Seara Nova, pp. 55-149.

WATSON, Andrew M. (1998): *Innovaciones en la Agricultura en los Primeros Tiempos del Mundo Islámico. Difusión de los Distintos Cultivos y Técnicas Agrícolas del Año 700 al 1100*.



Granada, Editorial Universidad de Granada. ISBN 84-338-2364.

